

---

## A QUESTÃO DO TEMPO NA EDUCAÇÃO ONLINE: o que pensam os alunos virtuais

Jaqueline Leite Vaz de Barros - [jaquelineleitevaz@hotmail.com](mailto:jaquelineleitevaz@hotmail.com)

Márcia Rafaella Graciliano dos Santos Viana - [rafaellagraciliano@hotmail.com](mailto:rafaellagraciliano@hotmail.com)

Tarciana Angélica Lopes Silva - [tarciangelica@hotmail.com](mailto:tarciangelica@hotmail.com)

### Resumo

O objetivo deste estudo foi analisar, se o tempo proposto dentro de um módulo em um curso online é o suficiente para responder as atividades, de acordo com os alunos virtuais. Utilizamos como metodologia o método misto com a abordagem no estudo de caso. Fizeram parte da amostra 43 cursistas de um curso de formação online. Para a coleta de dados foram utilizados: o questionário, enviado por e-mail para os cursistas e a observação do ambiente virtual de aprendizagem. Para análise foi feita a triangulação dos dados e a análise do conteúdo. Os resultados apontaram que muito remotamente os cursistas postavam as atividades em tempo hábil e atribuíam o fato a falta de tempo disponível para estudo, já que as atividades profissionais eram muito intensas; tinham responsabilidades familiares e o tempo proposto para responder as questões era curto, além do excesso de matérias (textos complexos) dentre outros motivos. Com isso foi possível perceber que existe um desequilíbrio na questão conteúdo disponível e tempo para realização das atividades, o que faz os alunos virtuais, muitas vezes, não acessem os conteúdos (textos e vídeos), procurando dar conta apenas do produto (atividades).

**Palavras-Chave:** Educação Online; Tempo; Professores-cursistas; Formação Continuada

### Abstract

This study aimed to examine if the proposed time within a module in an online course is enough to meet the activities according to the virtual students. The mixed method was adopted as methodology with an approach in the case study. The sample was composed of 43 students of an online formation course. For the data collection were used an questionnaire, sent by email to the students and monitoring of the virtual learning environment. Data triangulation and content analysis were used to analyze the results, which showed that the students rarely posted the activities on time and attributed that due to lack of time available for study, since the professional activities were very intense; they had family related responsibilities and the given time was short, in addition to material excess (complex texts) among other reasons. It was then possible to notice that there is an imbalance in the matter concerning available content and time to perform the activities, which makes virtual students not often access the content (text and video), just trying to finish the product (activities).

**Keywords:** Online Education; Time; Courses-Teachers; Continued Formation

## 1. Introdução

Este artigo discute, a partir de uma experiência prática, a questão do tempo em um curso online e busca saber se esta variável, proposta para realização das atividades dentro de um módulo em um curso de EAD, é o suficiente para efetivação destas, na visão dos alunos virtuais. Para tanto, tem como objetivos: identificar as dificuldades por parte dos professores-cursistas para realizarem as atividades propostas no tempo hábil; verificar se os professores-cursistas acessaram todos os conteúdos (textos, vídeos), que foram propostos para responder as atividades, disponíveis no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e identificar as atividades que não foram respondidas no tempo sugerido.

Realizamos esse estudo, por termos sido tutoras de um curso online<sup>1</sup> e termos presenciado constantes reclamações dos professores-cursistas em relação ao tempo sugerido para realização das atividades, além de percebermos a ausência de literatura específica que fundamenta a respeito dessa problemática.

Mercado (2008, s/p) indagando sobre a maior dificuldade da educação online afirma:

As atividades são feitas na perspectivas dos professores, que na maioria dos casos não tem experiência como tutor e/ou com educação on-line [...] Então, fazem três fóruns por semana e os alunos se desesperam, porque tem outras responsabilidades e ficam desmotivados com o curso por acharem impossível dar conta do conteúdo.

A preocupação dos alunos recai sobre o fato da participação em um curso online ocorrer no mesmo período de atuação profissional, o que dificulta a efetivação das atividades em tempo hábil. Uma pesquisa realizada por Branco e Oliveira (2008), demonstra que além da falta de tempo para se dedicar as atividades do curso de formação, o professor-cursista tem um excesso de trabalho, o qual não se restringe a própria escola, mas, boa parte deste é concluído em casa. Estes professores “precisam de um tempo fora do horário de trabalho para preparar as aulas, corrigir atividades,

---

<sup>1</sup> Curso Online de Formação de Professores da Educação Básica para o Atendimento do Aluno com Deficiência Mental (120h), promovido pela Universidade Aberta do Brasil - UAB. Este curso foi realizado de forma virtual no ano de 2008, através da plataforma Moodle.

---

avaliar o desempenho dos alunos” (BRANCO e OLIVEIRA, 2008, p. 8), acumulando estas atribuições com o tempo necessário para dedicar-se a um curso online.

As discussões online exigem um tempo maior, devido à diversidade de informações disponíveis em rede. Assim, os alunos virtuais tornam-se mais ativos e autônomos e necessitam de mais tempo para ler os conteúdos e responder as atividades propostas no curso. De acordo com Mercado (2007, p. 6): “O tempo dependido nas aulas virtuais muitas vezes excede o das aulas presenciais equivalentes”.

A falta de tempo pode ser um problema para muitos alunos e dentre os motivos, a maioria aponta a falta de organização pessoal, somando-se aos excessivos conteúdos e principalmente atividades disponibilizadas no AVA e com datas pré-definidas para serem entregues. Os alunos sentem-se muitas vezes pressionados e desmotivados, tornando-se, conseqüentemente, um ser passivo no curso, um aluno “fantasma”, pois acessa o ambiente, mas não interage com os colegas, nem responde as atividades, por sentirem-se incapazes de participar.

Mercado (2008) afirma que a modalidade de EAD<sup>2</sup> está sendo, em muitos casos, mais exigente do que a educação presencial<sup>3</sup>. Exemplificando que em um curso de pós-graduação, por exemplo, o professor elabora uma atividade com texto para que os alunos leiam e produzam um material escrito e o tempo gasto para tanto, é de basicamente um turno (manhã/tarde/noite). Enquanto que na EAD, os professores sugerem uma atividade para ser realizada em 5 horas, sendo que o aluno virtual terá que ler um ou 2 textos de 20 páginas cada, além de ter que responder as atividades (participar do fórum, produzir um texto). Essa desvalorização da complexidade da tarefa, por parte do professor, pode gerar uma série de dificuldades para os alunos, pois, em médio prazo, os mesmos podem criar um mecanismo de defesa para tentar dar conta

---

<sup>2</sup>A EAD pode ser entendida como uma modalidade de educação que utiliza estratégias de ensino aplicáveis tanto aos estudantes quanto ao professor. Neste contexto, eles estão fisicamente localizados em lugares e/ou tempo diferentes, podendo fazer uso de estratégias que podem incluir mídias de comunicação, como o rádio, a correspondência, a internet, videoconferência, etc. (SANTOS, 2009).

<sup>3</sup> A educação presencial dá-se através da comunicação direta entre o professor e o aluno, em local um definido, como a sala de aula, por exemplo. É tido como ensino convencional. (ARETIO *apud* PUERTA e AMARAL, s/d).

---

apenas do “produto” (atividades). Assim, deixariam de procurar os textos e vídeos indicados e iriam direto a realização das atividades, burlando o processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, prejudicando a formação do conhecimento.

A esse respeito Moran (2006, p. 46) afirma:

Os cursos que se limitam à transmissão de informações e de conteúdo, mesmo que estejam brilhantemente produzidos, incorrem no risco da desmotivação em longo prazo e, principalmente de que a aprendizagem seja só teórica, insuficiente para dar conta da relação teoria/prática.

Mercado (2007) nos chama atenção para o “desenho e conteúdos do curso”, alertando para uma forma de apresentação pertinente para a educação online que deve conter: módulos semanais, os quais devem se dividir em capítulos coerentes, textos pequenos, mas que incentivem a reflexão, parágrafos curtos, letra clara, fundos de página simples, ícones significativos, navegação simples e fácil, ambiente amigável e conteúdos básicos, que podem e devem ser ampliados com glossários, leituras complementares, bibliografia interessante e atualizada e conexões de interesse para aqueles que tem interesse em aprofundar os conteúdos do curso.

É importante também, que o tutor regule o fluxo de informação, de maneira que os alunos disponham de atividades suficientes para estarem motivados, ao invés de sobrecarregarem com demasiadas informações e novos encaminhamentos. Na tutoria online, o tempo necessário para desenvolver este tipo de intervenção educativa é três vezes maior que o empregado numa classe presencial, afirma Mercado (2008).

Uma problemática que se repete em diversos cursos online, é desconsiderar que essa modalidade de ensino requer muito tempo de dedicação e esforço do aluno se comparada a outras formas de aprendizagens. A EAD exige mais do aluno, pois este precisa saber manusear as ferramentas do AVA; saber encontrar sozinho as informações que necessita; estar apto a ler e escrever mensagens; estudar o material proposto pelo curso; responder as atividades e postar na ferramenta recomendada (fórum, chat, diário, glossário, wiki, tarefa) em tempo pré-estabelecido, bem como, interagir com seus pares e com seu tutor (presencial e/ou à distância), além de ter autonomia e disciplina que lhe

---

dê subsídios para permanecer com sucesso no curso, desenvolvendo bem sua condição de aluno virtual.

Contudo, indagamos: será que o tempo disponível para realização das atividades e estudo dos conteúdos (textos e vídeos) disponíveis no AVA em um curso de EAD é suficiente na visão do aluno virtual? Considerando que a educação online preconiza um aluno virtual atuante, autônomo e reflexivo, visando uma aprendizagem significativa, cabe o questionamento: a carga horária disponibilizada para os alunos de um curso a distância realizarem as leituras, é suficiente para transformar a informação em conhecimento? Ao elaborar um curso em EAD, os professores autores<sup>4</sup> estão planejando e disponibilizando tempo suficiente para que os alunos teorizem e reflitam sobre os conhecimentos adquiridos?

Diante dos pontos destacados, almejamos propor mudanças na concepção dos idealizadores destes cursos, para que seja possível repensar o formato, a estrutura, os encaminhamentos e os materiais didáticos que serão disponibilizados.

## 2. Metodologia

O tipo de pesquisa utilizada foi o método misto. Sua escolha é justificada por permitir reunir vários procedimentos e instrumentos para coleta e análise de dados qualitativos e quantitativos, “para convergir ou confirmar resultados de diferentes fontes de dados” (CRESWELL, 2007, p. 213). Como tipo de abordagem de pesquisa, escolhemos o estudo de caso, porque este estudo possibilitou a identificação de dados relevantes sobre um determinado processo educacional em particular. Essas informações, segundo Chizzotti (2006), podem dar um melhor conhecimento sobre o objeto da pesquisa, esclarecer as inquietações previamente estabelecidas e auxiliar em futuras tomadas de decisões.

---

<sup>4</sup> De acordo com Moreira (2009), estes profissionais são também chamados de professores conteudistas. São aqueles que elaboram os conteúdos, fazendo uma seleção dos materiais, das dinâmicas, das estratégias para estudo e dos recursos pedagógicos que serão utilizados no ambiente virtual de aprendizagem.

---

Esta pesquisa partiu de uma situação peculiar, um curso de educação online de formação continuada de professores para o atendimento ao aluno com deficiência mental. Esse curso faz parte do Programa de Melhoria da Escola (PME), da rede de formação de professores da Secretaria de Educação Especial (SEESP/MEC) e foi financiado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). As informações obtidas, neste caso específico, foram minuciosamente descritas e analisadas.

A população foi composta por 20 pólos situados no território brasileiro, contendo cada pólo: 25 professores-cursistas, 1 tutor a distância de Alagoas e 1 tutor presencial do pólo. Foram selecionados para fazer parte da amostra da pesquisa, 3 pólos, com 25 professores-cursistas cada um, num total de 75. A escolha desses pólos se deu pelo fato das pesquisadoras terem sido as tutoras à distância dessas turmas, o que facilitou a descrição e análise dos dados, já que as mesmas vivenciaram na prática o contexto do curso e puderam analisar a temática proposta nesse estudo.

O procedimento para coleta de dados ocorreu da seguinte forma: a explicação a respeito desta pesquisa e o questionário para coleta de dados foram enviados por e-mail para 75 professores-cursistas. Os professores-cursistas que se dispuseram a participar foram orientados a responder o questionário em tempo hábil (data definida pelas pesquisadoras para entrega) e enviar uma carta de aceite (autorização por escrito via e-mail) para participar da pesquisa. Assim, contamos com uma amostra real de 43 professores-cursistas que atenderam as características da pesquisa e que responderam e enviaram os questionários às pesquisadoras.

Além dos questionários utilizados para coleta de dados, fizemos uso também da observação do AVA dentro da plataforma Moodle, na qual foi realizado o curso, com o intuito de analisar os conteúdos (textos, vídeos) que foram disponibilizados e saber se estes foram devidamente acessados pelos professores-cursistas.

Nos questionários constavam perguntas objetivas de múltipla escolha e subjetivas e, em relação às observações feitas na plataforma Moodle, foram levadas em

---

consideração todas as atividades assíncronas (tarefas, fóruns, diários) do Módulo II<sup>5</sup>, que tinham prazo para entrega bem definido. Para analisar o acesso dos professores-cursistas, investigamos os relatórios individuais dos mesmos disponíveis no AVA.

Para análise dos dados utilizamos a estratégia de triangulação dos dados, sugerida por Triviños (1995) e Creswell (2007) além da análise do conteúdo. Com esta, pudemos caminhar na descoberta do que estava por trás dos conteúdos manifestos indo além das aparências do que estava sendo comunicado (MINAYO, 2007).

### 3. Análise dos Resultados

Inicialmente apresentaremos o perfil do professor cursista. De um total de 75 professores-cursistas, foram respondidos 43 questionários corretamente preenchidos e entregues no tempo estabelecido pelas pesquisadoras. Os 43 participantes da pesquisa possuíam idade concentrada no intervalo de 27 a 51 anos. A maioria residia no interior de São Paulo (44%); outros 33% em uma cidade do Ceará e 23% em um município da Bahia. Dos 43 professores-cursistas, 82% são graduados em Pedagogia e os demais se concentram em áreas como: Letras, História, Física, Matemática, Educação Física e Fonoaudiologia. Referente ao tempo de atuação na Educação Básica, 62% atua na área há mais de 10 anos.

Compondo ainda o perfil dos professores-cursistas, prevaleceram os que possuíam experiência com alunos com deficiência. Desses, 73% alegaram terem inclusos em sua turma em 2008, ano de realização da pesquisa, pelo menos um aluno com deficiência. Dentre os tipos de deficiência citados encontram-se: deficiência mental, física e auditiva.

Em relação ao tempo de atuação com pessoas com deficiência, 50% dos professores-cursistas declararam trabalhar com essa população há menos de 5 anos, 36% de 5 a 10 anos e apenas 14% disseram ter essa experiência há mais de 10 anos.

---

<sup>5</sup> O Módulo II foi intitulado de: *Desenvolvimento Humano, Teorias da Aprendizagem e Pessoas com Deficiência Mental* – (de 30 horas), onde os conteúdos foram disponibilizados em 13 links, divididos em 8 textos e 5 vídeos.



---

Por tratar-se de um curso online, esperava-se que 100% dos professores-cursistas tivessem acesso ao computador e a Internet, já que esse é um dos pré-requisitos para a sua realização e uma das características fundamentais ao aluno virtual. No entanto, quando investigado o local de acesso utilizado pelos alunos pesquisados, pudemos perceber que um número considerável (57%) não possuía computador em sua residência. Esses alegaram utilizar como local disponível para realizar as atividades da plataforma Moodle, o local de trabalho (24%). Nesse caso, provavelmente aproveitando os intervalos (tempo disponível que o professor tem entre uma aula e outra ou momento do recreio) para realizar as atividades pedagógicas; o centro de informática da escola que estão lotados (12%); uma lan-house (10%); casa de parentes e amigos (9%) e a Secretaria de Educação da cidade (2%).

Quanto ao tempo médio disponível para estudos inerentes ao curso, prevaleceu o acesso no horário noturno (44%) e apenas 5% dos professores-cursistas revelaram ter tempo disponível durante o dia. Outros destacaram ainda os fins de semana (9%) e em horários e dias alternados (33%). Este é um perfil que se assemelha ao destacado na literatura, “a qual informa que geralmente o aluno a distância utiliza a noite para realizar seus estudos, por trabalhar durante o dia (ELIASQUEVINCI e FONSECA, 2006, p.8).

Quando indagados sobre quantas vezes acessavam a plataforma Moodle por semana, 40% responderam acessar de 1 a 2 vezes; 37% de 3 a 4 vezes e 23% mais de 5 vezes por semana. E o tempo máximo que ficavam conectados à plataforma Moodle quando acessavam, era de 2 horas, segundo 53% dos alunos. Somente 23% declararam permanecer conectados mais de 2 horas seguidas.

#### **4. A questão do tempo na Educação Online**

Quando indagados se costumam seguir os prazos pré-estabelecidos para a entrega das atividades, 76% dos professores pesquisados admitiram que somente às vezes postavam as atividades em tempo hábil. Então, a problemática torna-se bem maior. Será que os responsáveis por definir os prazos de entregas das atividades levam em consideração as dificuldades desses alunos, que na maioria das vezes são pessoas



---

que trabalham os dois horários, muitos deles em locais e até mesmo cidades diferentes; possuem família e filhos e outras responsabilidades pessoais que devem ser levadas em consideração.

A esse respeito, Lago (2003, p. 78) afirma:

Em geral, administrar o tempo torna-se uma tarefa complicada, na medida em que estamos on-line para a comunidade de alunos e professores, com teclados e fones de ouvidos em prontidão, mas também estamos on-line, fisicamente on-line, para a família e os movimentos diários de um lar. Mas essa é habilidade fundamental para aqueles que desejam construir conhecimentos por meio de cursos on-line

Para melhor entender essa questão do tempo, daremos voz aos professores-cursistas (PC) em relação às atividades que não foram realizadas no período proposto, (ANEXO 1). Vejamos os motivos apresentados:

Houve períodos em que o meu *trabalho na escola foi intenso* e por ter uma sala de aula com alunos com muitas dificuldades, precisei me voltar somente para esse propósito (PC 1).  
Infelizmente teve atividades que o tempo *para responder foi pouco* [...] eu precisava me informar antes de dar as respostas e quando percebia, já tinha passado o prazo (PC 5).

Mesmo sabendo da importância desse curso, eu tinha que dar *preferência as atividades do meu trabalho* (PC 11).  
Quase sempre tive dificuldades para ler o *material de estudo* (muito extenso) e responder de forma coerente e no tempo previsto, o que era pedido nas atividades (PC 21).

Não consegui realizar as atividades (no tempo previsto) por conta de não ajustar bem o *tempo entre a leitura e a organização das idéias* para dá a resposta (PC 42). (**grifo nosso**)

ANEXO 1 – MOTIVOS DA NÃO REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES NO TEMPO PROPOSTO

De 43 professores-cursistas, 38 não entregaram as atividades em tempo hábil



Questionamos também se os alunos concordavam que as atividades deveriam ter prazo pré-definido para entrega ou se o mesmo deveria ser flexível. Então os alunos argumentaram:

Dependendo da *complexidade do conteúdo* o tempo deve ser flexível, pois é necessário mais estudos e pesquisas (PC 3).

Deve ser flexível, pois nossa *profissão* (professor) *exige muita responsabilidade, muito estudo e pesquisa*, causando um certo desequilíbrio no tempo disponível para outras atividades (PC 4).

Deve ser flexível, pois considero um *número grande de atividades por módulo*, o que dificulta a execução das mesmas em tempo hábil (PC 38).  
**(grifo nosso)**

Dentre os que defenderam um tempo pré-definido para entrega das atividades, consta:

O tempo de responder e entregar as atividades deve ser definido sim, pois *o curso fica mais organizado e dar responsabilidade aos participantes*, além do compromisso de se organizar e executar as tarefas no tempo previsto (PC 3).

O prazo tem que ser definido. Pois, o aluno virtual precisa, dentro de suas possibilidades, *se adequar as exigências do curso*. Do contrário, acontece acúmulo de atividades e desorganização (PC 26).

Acredito que temos que *ter metas e prazos em tudo que fazemos*. Isso faz parte de todo um conjunto para alcançar os objetivos (PC 35).

Deverá sim haver um prazo definido, porque só assim o aluno, além da força de vontade de concluir e de fazer uma reciclagem sobre o curso, terá obrigação de concluí-lo no tempo proposto. *Se não fosse assim, ficaria um curso muito solto, sem uma dinâmica* (PC 42). (**grifo nosso**)

Entretanto, essas discussões não são levadas em consideração em muitos cursos online, na qual carga de atividades excede o tempo disponível para os estudos, sendo motivo de muitas queixas dos alunos. Em alguns casos, segundo Lago (2003, p. 78): “seria necessário o dobro de tempo planejado para estar atualizado e acompanhando cognitivamente o processo de aprendizagem objetivado”. Acreditamos que isso é uma questão que deve ser discutida para que as atividades planejadas nos cursos possam respeitar o ritmo de cada aluno, e não simplesmente, propor uma aceleração de conteúdos para aprovação e difusão apenas de informação.

##### **5. Excesso de conteúdos disponíveis para leitura e a execução das atividades por parte dos alunos**

O material do curso contém textos e vídeos e para ter conhecimentos desses conteúdos, é necessário tempo apropriado para estudo, o que exige um hábito diário de acesso a plataforma Moodle e consequente realização das atividades disponíveis no AVA. De acordo com Mercado (2007), um erro comum na EAD, é disponibilizar em cada semana uma excessiva quantidade de material para ler (mais de 30 folhas com textos completos e bibliografia complementar).

Consideramos importante sugerir apenas um material de base (de leitura obrigatória a todos os cursistas) para que os alunos possam ter noção da temática que será trabalhada e consigam responder as atividades e interagir de maneira dinâmica com seus pares, tendo domínio do conteúdo, que deve, à priori, ser de fácil entendimento. Pois, é mais proveitoso poder ler e estar apto a discutir sobre o que se domina ao invés de se ter acesso a textos enormes e de grande complexidade científica, e não aprender sobre o mesmo, estando impossibilitado de argumentar sobre o que foi estudado.

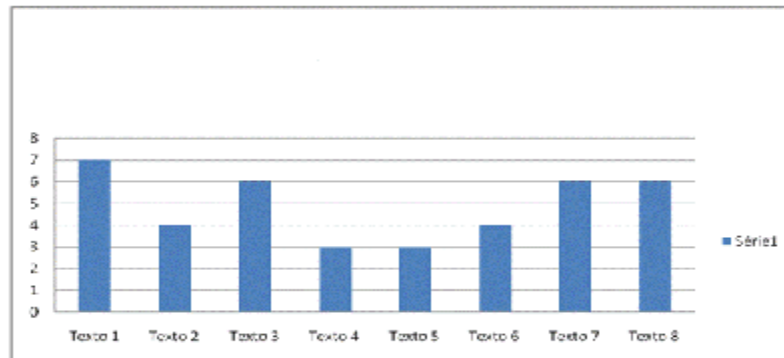
---

No entanto, mesmo oferecendo leituras de fácil entendimento e com pouca complexidade, é importante também, oferecer ao cursista a oportunidade de se aprofundar nos temas de discussão, disponibilizando leituras/links opcionais como suplemento e/ou complemento para ampliar seus saberes. Para tanto, é fundamental a indicação de leituras pertinentes na área de interesse do mesmo. Leituras essas, atuais e adequadas ao seu nível, que possibilitam ao usuário, uma aprendizagem significativa. Essa estratégia é relevante, pois temos considerar as diferenças individuais dos cursistas e pensar que alguns participantes desejam ler mais, investigar mais, aprofundar mais. A eles, devemos estimular para que não se sintam desmotivados com o curso. A esse respeito, Lago (2003, s/p) complementa: “se, para muitos alunos, um maior número de atividades pode ser pior, para outros quanto maior a quantidade de opções, melhor. Tudo pode ser administrável se essas opções forem disponibilizadas de forma não impositiva”.

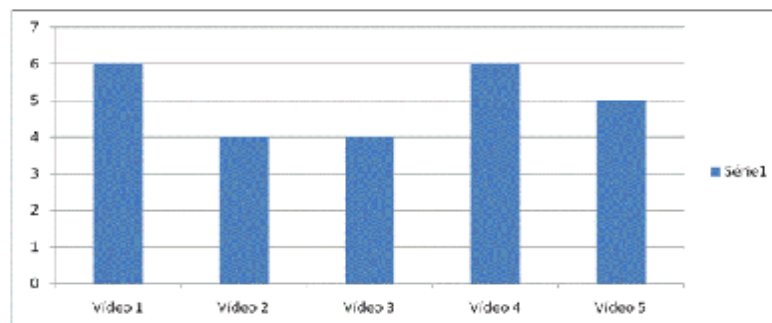
Considerando os conteúdos disponíveis para estudo no Módulo II - *Desenvolvimento Humano, Teorias da Aprendizagem e Pessoas com Deficiência Mental* – (de 30 horas) - do curso pesquisado, perguntamos aos professores-cursistas como se processou a relação deles com os conteúdos disponíveis no AVA. Em unanimidade declararam terem lido ao menos uma vez o conteúdo proposto para estudo, o que não condiz com a realidade. Pois, observando o relatório individual dos mesmos, pudemos perceber que muitos conteúdos não foram acessados durante o curso (ANEXO 2 e 3). O que nos faz supor, que os professores-cursistas não consultaram o material sugerido para leitura antes de responder as atividades propostas no AVA, eliminando assim, uma das importantes etapas do processo de ensino-aprendizagem.

Dentre os que declararam acessar o Moodle e ler os textos pelo menos uma vez antes de responder as atividades, encontram-se 12% dos professores-cursistas, a maioria (88%) afirmou ler o texto mais de uma vez para ter uma maior fundamentação teórica para responder as atividades. Em relação à procura de materiais alternativos e outras fontes para complementar ou ampliar os conhecimentos em relação às temáticas trabalhadas no curso, 97% disseram que usam em algum momento este artifício.

**ANEXO 2 – QUANTIDADE DE CURSISTAS (DE 43 ALUNOS) QUE NÃO ACESSARAMOS 8 TEXTOS DISPONÍVEIS**



**ANEXO 3 – QUANTIDADE DE CURSISTAS (DE 43 ALUNOS) QUE NÃO ACESSARAMOS 5 VÍDEOS DISPONÍVEIS**



## 6. Considerações Finais

Percebemos com esse estudo, que existem inúmeras dificuldades para lidar com a educação online. Isso ficou bem claro na fala dos cursistas pesquisados, principalmente em relação à dificuldade de organizar e conciliar o tempo com as exigências que um curso na modalidade à distância exige. A maioria dos cursos continua focada no conteúdo mais do que na aprendizagem significativa, disseminando

---

assim, uma gama de informações sem ao menos se preocupar com os conteúdos que estão sendo assimilados pelos alunos.

Na educação online, predominam adaptações dos modelos presenciais, no qual os professores estão acostumados a focar o conteúdo. Embora nessa modalidade de educação o papel do professor seja menos direto, o foco continua na leitura de textos e na produtividade (entrega das atividades nos tempos pré-estabelecidos).

Acreditamos que o êxito da educação online depende de programas bem definidos, material didático adequado, professores capacitados e conjugação de meios apropriados para facilitar a interatividade, em conformidade com a realidade dos alunos a serem atendidos.

Em relação à problemática tempo, discutida nesse estudo, pudemos constatar que é um fator de grande relevância e considerado pelos cursistas pesquisados como uma das dificuldades que o curso apresenta. Não saber administrar essa temporalidade pode acarretar uma série de desapontamentos e desejos de mudanças, conforme explicita um cursista:

Estou tendo certas dificuldades em executar as tarefas nas datas solicitadas [...] desejo ter acesso com tempo hábil para leitura e pesquisa de todo material fornecido [...]. Sabemos que nem sempre mudanças são possíveis, mas, [...] tenho certeza que o que for possível será providenciado. Marcação (de entregas de atividades) em dias de semana e horários à noite e em relação as datas para execução das tarefas, pois o número tem aumentado, solicito um tempo maior, para que possamos continuar pesquisando, lendo e redigindo os trabalhos com boa qualidade e grande aprendizado para nós (PC 37).

O fator tempo enseja certa angústia, expressa em declarações como a citada anteriormente. É certo que os alunos devem desenvolver uma disciplina para entregar as atividades no tempo determinado; que devem ter autonomia para planejar seus horários de estudo de acordo com suas necessidades e possibilidades, mas acima de tudo faz-se necessário que os idealizadores dos cursos, os professores-conteudistas e os tutores, conheçam e desempenhem bem sua função nesse processo tão complexo quanto a educação presencial.

Faz-se necessário questionar: professores que nunca tiveram contato com essa modalidade de ensino sabem as necessidades reais dos alunos virtuais? Conhecem como

---

devem lidar com os alunos virtuais? Estão aptos a produzir um material didático e definir de forma justa, o tempo necessário para realização de um módulo, ou um prazo coerente para entrega das atividades no AVA? Sabem do que os alunos virtuais necessitam para manterem-se motivados e concluírem o curso com sucesso? Sabem quantas páginas devem ter os textos disponíveis no AVA e quais ferramentas utilizar para estimular uma maior interatividade entre os cursistas? Cabe também indagar: todos os alunos podem ser alunos virtuais, só pelo fato de não terem tempo de frequentar um curso presencial?

Cabe refletir sobre essas problemáticas. Mas é certo que o sucesso da educação online depende de todos os envolvidos, e é preciso termos essa consciência bem desenvolvida. A frustração e/ou desistência de um aluno por não conseguir acompanhar o curso pode ser atribuída a situações provocadas pela equipe de produção<sup>6</sup>, que não soube definir bem, as estratégias de ação para que a aprendizagem do aluno ocorresse de maneira plena.

## Referências

ALVES Lynn; NOVA Cristiane (orgs.). **Educação a distância**: uma nova concepção de aprendizado e interatividade. São Paulo: Futura, 2003.

BRANCO, Juliana C.; OLIVEIRA, Maria R. Educação a distância para professores em serviço: a voz das cursistas. **31ª Reunião ANPED**, 2008. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/trabalho16.htm>. Acesso em: 15 dez. 2008.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2007

---

<sup>6</sup> Dentre as equipes de produção, Moreira (2009) cita: a equipe gestora, equipe de professores autores, equipe pedagógica, equipe design instrucional, equipe de arte, equipe de tutores, equipe de monitoria pedagógica, equipe de suporte técnico, equipe tecnológica e os alunos. Certamente, nem todos os cursos possuem estas equipes, variando de uma instituição para outra.



---

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Vozes, 2006

ELIASQUEVICI, Marianne K.; FONSECA, Nazaré A. Pontos que facilitam ou dificultam a aprendizagem a distância online: a questão da autonomia. **Revista Brasileira de Tecnologia Educacional** – Ano. XXXIV, 2006.

LAGO, Andréa F. Aluno: on-line; senha: comunidade: considerações sobre EAD a partir de experiências como aluna on-line. In: ALVES Lynn; NOVA Cristiane (orgs.). **Educação a distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade**. São Paulo: Futura, 2003, p. 75-86.

MERCADO, Luis P. **Disciplina Seminário de Pesquisa em Educação Online**, 2008. 1Mp4 (10 min.): estéreo. Maceió, UFAL.

MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. **Dificuldades na educação a distância online - 2007**. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/55200761718PM.pdf>, acesso em: 07 de janeiro de 2008.

MINAYO, Maria C. (org); DESLANDES, Suely F.; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25° ed. Petrópolis: Vozes, 2007

MORAN, José M. Contribuições para uma pedagogia da educação online. In: SILVA, Marco. **Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2006, p. 41-52.

MOREIRA, Maria G. A composição e o funcionamento da equipe de produção. In: LITTO, Frederic M.; FORMIGA, Marcos (orgs.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009, p. 370-378

PUERTA, Adriana A.; AMARAL, Roniberto M. Comparação da educação presencial com a educação à distância através de uma pesquisa aplicada. Anais do **XV Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias**, São Paulo, s/d.

SANTOS, Andreia I. O conceito de abertura em EAD. In: LITTO, Frederic M.; FORMIGA, Marcos (orgs.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009, p. 290-296

TRIVIÑOS, Augusto N. **Introdução a pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1995